

A língua migrante e o migrante na língua: Kenzaburo Oe e o português brasileiro

76

Renan Kenji Sales Hayashi¹

Universidade Estadual de Campinas

Resumo:

O presente artigo se propõe a discutir a questão da língua como espaço de migração e constituição subjetiva por meio da problematização entre as línguas-culturas japonesa e brasileira. Para tanto, discutiremos um conto do escritor japonês Kenzaburo Oe a partir de estudos sobre cultura, nação, identidade e psicanálise, apontando os resultados da língua estrangeira como uma eterna promessa.

Palavras-chave: Literatura Japonesa; Psicanálise; Migração.

Abstract:

This article aims to discuss the issue of language as a space for migration and the subjective constitution through Japanese and Brazilian languages-cultures' investigation. Therefore, we will discuss a short tale written by the Japanese writer Kenzaburo Oe from perspectives of culture, nation, identity and psychoanalysis studies. Results point out the foreign language as an eternal promise.

Keywords: Japanese Literature; Psychoanalysis; Migration.

¹ Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES). Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (UnB).

Introdução

Que papel pode ocupar o estrangeiro em nossas vidas?

Quando se pensa no espectro da estrangeiridade na sociedade moderna, seja de língua-cultura (CORACINI, 2007), seja de cidadania, as noções de pertencimento a somente um conjunto específico de valores construídos sócio e historicamente, de alguma forma, parecem mais flexibilizadas. Essa flexibilização oportuniza aos indivíduos a possibilidade de se identificar não somente com um conjunto, mas conjuntos de valores e crenças que ajudam na (con)formação do sujeito nesse mundo de múltiplas línguas-culturas, variadas formas de se expressar, assim como diversas maneiras de (se) representar.

77

Nesse contexto de múltiplas identificações com línguas-culturas, o presente artigo busca mostrar de que maneira o [dito] estrangeiro se coloca como um lugar de relevância na formação subjetiva do sujeito, apresentando-se como uma janela por meio da qual o sujeito pode dizer(-se) e representar(-se), muito além daquilo que seu conjunto de valores e crenças em língua materna o possibilitaria. Entende-se, para tanto, que o processo de escrita é um espaço e um momento nos quais esses conjuntos de dizeres e representações emergem, possibilitando um panorama sobre o fenômeno de mover-se de um espectro de maternidade de língua-cultura em direção a um cenário que se apresenta com novas possibilidades de descrição, narração, divagação, ou seja, ao da língua-cultura estrangeira. A literatura é uma manifestação desse movimento e tanto provem ricas e valiosas materialidades linguísticas para análises e interpretações, como viabiliza profícuas discussões.

Nesse sentido, para esta investigação, lançamos nosso olhar sobre a obra do escritor japonês Kenzaburo Oe (1935), mais especificamente sobre seu conto “Em Português Brasileiro” (“Burajiro funo porutogarugo” [publicado em 1964]), para questionar as noções de migrar-se em uma língua-cultura estrangeira. No presente artigo, buscaremos responder a seguinte pergunta: de que maneira a língua portuguesa aparece no conto do escritor japonês como um lugar de migração? Na tentativa de obter subsídios necessários para abordar essa questão, empreenderemos discussões sobre as noções de língua-cultura estrangeira, nação, sujeito e representação de si, bem como uma análise propriamente dita da obra em referência. Com este trabalho, almejamos

trazer para debate questões relacionadas às línguas-cultura portuguesa e japonesa dentro do espectro da literatura, bem como discutir de que forma as representações de sujeito são colocadas em relevo a partir das noções de língua como espaço de migração e a língua como causa da migração, dentro da obra de Kenzaburo Oe.

Dessa forma, após uma primeira investida sobre a temática, abordaremos o desejo pela língua-cultura estrangeira como fator motivador para escrever e (se) representar a partir dela.

Subjetividade e a língua-cultura estrangeira

78

Stevens (2007) assevera que, a partir do século XX, as paisagens tradicionais de “nação” e “sujeito”, as quais por um largo período histórico e social se mantiveram sob um espectro sólido e aparentemente estável, vêm se fragmentando e constantemente apresentando formas outras de pensar esses conceitos. Aquilo que oferecia uma posição sólida ao sujeito foi se esfacelando ao longo das profundas transformações que a sociedade atual, dita pós-moderna, vivenciou em guerras, rupturas e redefinições. No tocante à identidade, Stevens (2007, p. 44) afirma que o conceito tem sofrido profundas mudanças provenientes de uma articulação muito próxima com o processo de globalização.

Sobre essa problemática, Hall (2006, p. 48) argumenta que, na [dita] pós-modernidade, o conceito de identidade é pensado em termos de localizar o sujeito em suas variadas identidades culturais, sendo a identidade nacional, forjada nas bases da globalização, a mais complexa em virtude de o sujeito dessa pós-modernidade experienciar um sentimento profundo de perda subjetiva em relação a sua identificação nacional, ou seja, sua relação com um atributo que poderia lhe conferir rastros de sua identidade. Hall (2006) segue afirmando que as identidades nacionais não são atributos com os quais os sujeitos nascem, mas são formados e transformados no interior, do que o autor chama, de *representações*.

Para fins de ilustração, o autor jamaicano (2006) pontua que só é possível pensar sobre o que significa ser um cidadão inglês mediante o reconhecimento do modo como a “inglesidade” (p. 49) é

representada a partir de um conjunto de significados e pela cultural nacional inglesa. Observando por esse prisma, os estudos que se voltam para questões relacionadas à estrangeiridade e à imigração investigam, sobretudo, questões que buscam evidenciar como são os modos de representação do que é ser estrangeiro e sobre o que é ser imigrante na contemporaneidade.

Uyeno (2011), em sua investigação sobre imigrantes japoneses, pontua que a identidade diaspórica decorre desse conjunto de representações, que se confere àquele que se localiza nesses fluxos de êxodos forçados ou espontâneos, sendo o “estrangeiro” e o “imigrante” os produtos decorrentes desses processos socio-históricos. Esse recorte se mostra bastante oportuno quando da problematização de brasileiros que, sendo filhos de imigrantes japoneses, buscam aprender a língua de seus familiares antepassados, os quais, produtos da diáspora ocorrida no início do XX para a América do Sul, se confrontam com essas representações de imigrante e estrangeiro, podendo reverberar em seus processos identitários.

Contudo, esses processos identitários não são tão simples como podem parecer à superfície. Michel Foucault (1975 [2009]) postula a necessidade de se entender a constituição subjetiva mediante suas relações com o discurso. O filósofo francês (1975 [2009]) pontua que o discurso deve ser entendido como um conjunto de práticas discursivas que compõem sistematicamente os objetos dos quais se falam, marcado pela formação e descontinuidade do sujeito, sendo [o sujeito] amplamente atravessado pela exterioridade. Para ganhar existência, tais discursos se apoiam em sistemas de formação baseados em enunciados, os quais, em geral, se organizam em perfis relativamente reconhecíveis, que permitem perceber tendências de ocorrência (FOUCAULT, 1975 [2009]).

À vista disso, o discurso, viabilizado pelas práticas discursivas, outorga para si o direito de definir e instituir os regimes de verdade e legitimidade, desdobrando-se sobre os sujeitos por meio das relações de poder no/pelo discurso. O sujeito é, pois, tido como um efeito de tais relações de poder, podendo assumir posições nas práticas discursivas. Ocupando tais lugares, o sujeito contribui para formulação de enunciados sobre o que pode ser dito e compreendido (FOUCAULT, 2010, p. 105).

Nesse sentido, pensar sobre o processo identitário dentro do cenário de diferentes línguas-culturas, tendo a migração como um lugar de movimento, de saída de um conjunto maternal de valores e crenças em direção a um outro conjunto que, à primeira vista, pode parecer hostil, mas que pode se apresentar como o lugar de recepção e afetação, é pensar necessariamente na produção de um discurso e de relações de poder. Quando o indivíduo migra de uma língua-cultura a outra, ocorre uma inscrição nesse novo sistema de representação, o qual possibilita ao indivíduo produzir verdades e narrativas sobre si e sobre o outro, tanto o outro já inscrito nessa língua-cultura em apropriação, quanto o outro da língua-cultura de sua própria origem.

Sobre isso, Derrida (1998, p. 57) sentencia que as línguas são sempre guardadas pelo outro e conduzidas ao outro. Nesse sentido, o outro provoca sempre uma desestabilização e um estranhamento no que consideramos o nosso “eu”. Dessa forma, a apropriação de uma nova língua-cultura é, na maior parte dos casos, francamente atravessada pela identificação e alteridade, na qual a voz do outro ecoa em nós, mudando de lugar aquilo que temos a falsa sensação de fixidez. Coracini (2007) assevera que as línguas estão sempre atravessadas por outras línguas, fragmentando lugares e percepções, sendo a dualidade estrangeiro/materno um efeito de sentido provocado nas/pelas línguas em nós.

Nesse viés, Revuz (2001) salienta que o intento de aprender novas línguas perturba, questiona e altera aquilo que está escrito em nós, modificando nossa constituição como sujeito. Esse fato torna ainda mais complexo o ser-estar em línguas-culturas (CORACINI, 2007), na medida em que toda língua é considerada estrangeira quando nos provoca estranhamentos, ao passo que a materna se apresenta como lugar de repouso e aconchego. Contudo, cumpre-nos questionar: dentro do contexto de migração, como a língua-cultura estrangeira pode ser compreendida?

Essa questão se apresenta mais complexa do que possa parecer à superfície, na medida em que a migração voluntária, no caso de escritores que optam por escrever em outra língua, oportuniza ao sujeito pensar, dizer(-se), representar(-se) de uma forma outra que não em sua língua-cultura de origem, como é o caso de passagens de Kenzaburo Oe no conto *Em Português Brasileiro* (2011 [1964]). Dessa

forma, ao escrever em outra língua, o autor da obra redige, sobretudo, a partir desse olhar do outro da língua estrangeira, ou pelo menos desse olhar que ele imagina que o outro da língua-cultura em escritura tenha sobre ele. Pensar em contextos de migração na escrita é, antes de mais nada, pensar em como o eu-que-escreve está em contato/embate com o outro-que-[o]-olha, estando ambos embebidos dessa língua-cultura, amplamente atravessada por outras línguas-culturas.

No caso de Kenzaburo, a inserção de excertos em língua portuguesa vem denotar exatamente esse caráter de trazer o outro para dentro de sua obra, na qual a escrita revela essa busca por não mais dizer(-se) somente em língua japonesa, mas, sobretudo, representar(-se) a partir da língua japonesa em contato com a língua portuguesa, e disso causar um estranhamento e efeitos de sentido de um sujeito que não mais produz verdades sobre si apenas em sua língua-cultura tida como materna, mas que deseja inscrever-se/escrever-se nessa outra língua-cultura, o português brasileiro, para trazer à tona novas identificações, representações e formulações de enunciados subjetivos diferentes.

A eterna promessa de uma língua-cultura estrangeira

Kenzaburo, no conto *Em português Brasileiro* (2011 [1964]), explora a metáfora do movimento migratório, uma vez que narra a estória de migração temporária e repentina de todo um povoado japonês e a de um guarda florestal, com seu antigo colega de faculdade, às voltas com fatos e evidências na tentativa de encontrar alguma explicação plausível para o desaparecimento de tal povo. Kenzaburo se coloca como o protagonista do conto, sem determinar em que medida se trata de uma personagem ou de uma narrativa biográfica.

Foucault (1978) assevera que o ato de autonarrar uma estória sobre si, muitas vezes pela via de uma confissão, tem efeito de uma intensa produção de uma narrativa de si, lugar de verificação e de confronto consigo. O ato de confessar envereda um caminho de não somente produzir uma verdade sobre quem fala, mas, sobretudo, um conhecimento de si durante o ato de descrever-se, no presente caso, usando a palavra escrita para tanto.

Mendelsohn (2010) assegura que é no campo da sexualidade que se pode identificar essa intensa produção de uma verdade sobre si, pois a sexualidade é um ponto de junção entre verdade, discurso e sujeito, na medida em que o sexo é, por excelência, um registro de verdade, e que dizer essa verdade é revelar aquilo que se tem de mais singularmente reconhecível. Contudo, podemos pontuar também outros campos em que se entrelaçam o sujeito no discurso em um intento de produção de verdade, como as questões de gênero, paisagens familiares tradicionais, definições político-partidárias, bem como a necessidade de definição sobre cultura autóctone, nação e nacionalidade, estando os estudos sobre migração situados nesse último.

À vista disso, migrar-se de um ponto a outro, ou em última instância, sentir-se migrante em uma língua-cultura é, de fato, um campo de junção entre verdade, discurso e sujeito, pois, em grande parte dos casos, o imigrante, antes mesmo de dizer, de relatar(-se), de descrever(-se) em uma língua-cultura estrangeira, ele já é dito por essa, a qual, por meio de movimentos de aproximação, embates, tentativas de apropriação, situa o sujeito em práticas discursivas, nas quais ele [o sujeito] se vê obrigado a estabelecer para si verdades sobre sua biografia, identidade, alteridade, sexualidade, colocando-se em uma posição de alguém que confessa e, por conseguinte, em uma constante rota de narrativa subjetiva. Kenzaburo assim o faz magistralmente em seu conto, fazendo um paralelo entre um sujeito que pensa gozar de um senso de segurança ontológica (GIDDENS, 1991) em relação à sua nacionalidade japonesa, e uma latência pelo desejo e a iminência de uma ruptura dessa paisagem por meio da migração ao Brasil.

Esse embate, que ocorre mais notadamente pelas línguas-culturas, é exemplificado no excerto final do conto, no qual Kenzaburo descreve esse ponto de verificação do sujeito que, às voltas com o conflito entre o japonês e o português do Brasil, entre permanecer em seu espaço e migrar, desterritorializando-se, não encontra outra forma de dizer(-se), de narrar(-se) e, portanto, de descrever esse conflito, que não seja por meio da junção das duas línguas-culturas, colocando-se, então, nesse espaço criado a partir delas. Com efeito, Kenzaburo opta por escrever suas palavras finais não somente em japonês, nem tampouco em português do Brasil, mas sim nessa dimensão japonês-português, a qual, muito além de expressar uma verificação de um eu que pensa dizer o que diz, já fala por ele de uma maneira muito contundente:

O guarda-florestal ruborizou-se como se tivesse sido afrontado calou-se, assim como eu. Suspeitei que eu acabara de gritar para a voz que, em meu íntimo, me convidava a viajar ou que me instava a fugir. *Não senhor, não compreendo!, Iie, shosei wa rikaisimasen!* (OE, 2011 [1964], p. 386, grifos do autor).

Kenzaburo lança mão desse recurso de escrever(-se) nas duas línguas-culturas, japonês-português, como uma forma de evidenciar esse conflito entre um sujeito que habita e um sujeito que migra, tendo a língua como esse espaço de migração para poder narrar(-se); como um lugar de verificação da subjetividade que clama por uma inscrição no elemento estrangeiro, mas que, na realidade, não poderá concretizar-se nunca, pois conforme salienta Derrida (1998, p. 56): “[...] as outras línguas, às quais se lê, decodifica ou fala são línguas às quais nunca se virá habitar”. Nesse sentido, a tentativa de Kenzaburo de utilizar as duas línguas em sua escrita para criar esse espectro de uma língua-cultura que alça uma nação para a qual se deseja migrar e, com isso, deslocar sua paisagem principal de constituição de subjetividade, esbarra na impossibilidade de se inserir plenamente nessa outra língua-cultura, dada essa inconstância de habitação, como a fragmentação que subjetiva dela ou a partir dela se evidencia.

Esse sujeito que tenta migrar e, mediante esse intento, busca aprender a língua-cultura de seu destino – “[...] desde que em formei, nunca mais me interessei tanto por uma língua estrangeira como agora. Bem, *partamos!* Ou seja, *shuppatsu shiyō!*” (OE, 2011 [1964], p. 381, grifos do autor) – almeja, em última instância, habitar esse espaço migrado e se apropriar dele de forma a inscrevê-lo em sua subjetividade e nele identificar singularidades que possam ajudá-lo a (con)formar sua própria subjetividade e seus momentos de identificação. Essa nação para a qual ele se imagina indo, essa língua-cultura na qual se vê inscrito, em verdade, são espectros não palpáveis e que permaneceram na ordem do inalcançável, pois a cidadania de um migrante não é definida a partir de uma participação cultural, de uma apropriação linguística (DERRIDA, 1998, p.14), não sendo essas instâncias dados reais.

Nesse sentido, essa ideia de nação como um lugar para onde se migrar faz mais sentido do que permanecer na paisagem habitual – “A emigração de uma vila inteira vai contar com o apoio do governo, não

acha? E então os anciãos de Bannai na certa me dirão: *partamos!* Ou seja, *shuppatsu shiyô!* E vou com eles. Não quer ir também?” (OE, 2011 [1964], p. 385, grifos do autor) – mitiga a verdadeira face desse elemento como um norte inalcançável, pois a nação, assim como o sujeito, é a criação de um lugar inacabado, cuja completude ou promessa da completude é o fim, portanto, a morte (UYENO, 2003, p. 41).

Dessa forma, a língua-cultura em escritura no conto de Kenzaburo, a qual coloca em embate o japonês-português, denota essa impossibilidade de um sujeito que deseja habitar, deseja inscrever-se e escrever-se na língua-cultura brasileira; mostra a língua-cultura em eterna captura, como uma nação que se delinea, mas não existe; como promessa de um devir que poderia conferir ao sujeito uma segurança ontológica (GIDDENS, 1991) para além da paisagem que seus olhos pensam que veem, e que, na realidade, não se cumpre; como uma imagem que poderia se apresentar de maneira objetiva e clara, mas que se revela turva, subjetiva e distante.

Noutras palavras, por meio do conto de Kenzaburo, em análise, podemos pensar nessa língua-cultura do português do Brasil como uma eterna promessa de um devir, como uma língua migrante que escapa, que se movimenta sempre mais à medida que se se aproxima, que entra em embate com a língua-cultura japonesa. Kenzaburo, na tentativa de mudar o *status* da língua-cultura brasileira de migrante para integrante, ao escrever seu conto com passagens em português do Brasil, tenta apropriar-se deste e, com isso, inscrever-se nessa subjetividade e fazer dela também cenário para narração de si, constituição de suas verdades e um lugar de verificação. Contudo, a apropriação da língua é sempre impossível, pois ela é sempre do outro e dirigida para/pelo outro (DERRIDA, 1998).

Ser migrante na língua – a histeria do estrangeiro

Em Português Brasileiro (2011 [1964]), Kenzaburo conta a estória de um estranho fenômeno que ocorre num povoado distante do Japão, na década de 60: todos os moradores desaparecem da noite para o dia, deixando para trás todos os seus pertences e toda a lavoura cultivada. O guarda-florestal do local, não encontrando explicações razoáveis para o acontecido, chama seu antigo colega de universidade, Kenzaburo Oe, a fim de obter ajuda para investigar o ocorrido.

O guarda-florestal e Kenzaburo foram colegas no curso de Literatura Francesa em Tóquio, tendo esse último se destacado na escrita e seguido carreira acadêmica, ao passo que o primeiro, dada sua mediocridade – conforme apontado no conto –, decide mudar para um lugar distante e trabalhar como guardião de uma área na qual o povoado de Bannai vive e dele tira seu sustento.

Os dois, após um período de busca, chegam a uma fábrica de artesanato, onde todas as crianças, jovens e mulheres fugitivas do pequeno povoado estão trabalhando. Por não encontrar respostas satisfatórias ao questionar alguns desses moradores, o guarda-florestal parte então em busca dos anciãos de Bannai, esperando entender o porquê da mudança de um povoado pequeno e distante para a capital japonesa. A explicação dada pelos anciãos foi a de que um garoto do povoado, identificado com uma estranha doença na região abdominal, equinococose, precisava de tratamento hospitalar mais sofisticado, tendo sido, por isso, levado para a capital. Todo o povoado teria se deslocado para Tóquio, a fim de acompanhar o tratamento do menino e o desfecho da história, trabalhando em fábricas de artesanato nesse período. O guarda-florestal, insatisfeito com a explicação dada, desfere um ultimato ao povoado fugitivo: todos deveriam retornar ao vale em seis meses. Tendo em vista o falecimento do menino com equinococose, é isso o que ocorre.

Nesse período de volta dos moradores para o povoado, o guarda-florestal e Kenzaburo não se comunicaram mais. Findo os seis meses, contudo, um telegrama e um pedido de visita do guarda a Kenzaburo reatam as conversações. A partir desse ponto do conto, já ao final, ocorrem as incursões do escritor japonês na escrita em português do Brasil, tendo em vista que, até então, todo o conto havia sido escrito em japonês. O guarda-florestal vai buscar o protagonista no aeroporto e o recebe com uma saudação em português, “Bom dia!”, causando estranhamento em Kenzaburo que pergunta se aquilo se trata de língua portuguesa. A partir daí, todo o diálogo das personagens ocorre mediante construções frasais em português e em japonês, salientando esse caráter de espaço entre as línguas-culturas japonesa-portuguesa que o escritor, a nosso ver, deseja imprimir em seu conto.

Paralelamente à escrita em japonês-português, a temática de migração aparece como eixo central no fechamento do texto, mostrando a língua-cultura como condição para esse movimento migratório:

“Achei um livro que era de meu pai e me baseei nele. Parece que meu pai chegou a pensar em ir para o Brasil. Mas, no fim, ele viveu na vila do meu vale até os noventa anos” (OE, 2011 [1964], p. 381). Esse trecho relata o início do estudo sobre a língua portuguesa por parte do guarda-florestal, a partir de um livro herdado de seu pai, que também havia pensado em migrar para o Brasil. O guarda parece querer justificar seu desejo de migrar por meio desse desejo migratório também de seu pai, como se a mudança repentina e sem explicação do povoado de Bannai para Tóquio, de alguma forma, tivesse reverberado em sua subjetividade, fazendo-o repensar sua fixidez de paisagem. Dessa forma, suas falas, nesse momento do conto, são repletas de enunciados em português, numa tentativa de fazer-se habitar nesse lugar de língua-cultura que ele imagina ser a língua-cultura brasileira.

86

A ideia de migração, a partir do ocorrido com o povoado, parece cada vez mais razoável aos personagens, o guarda-florestal e Kenzaburo. Se, num primeiro momento, o sumiço do povo de Bannai havia lhes causado tamanho estranhamento, ao final, isso soa quase como um próximo passo, algo esperado. Tanto que, em um diálogo, o guarda diz que espera que haja mais um movimento de migração, mas, dessa vez, para um local ainda mais distante que Tóquio. O Brasil parece-lhe destino provável, razão pela qual ele se antecipa a estudar a língua portuguesa:

- Creio que na próxima vez que a vontade de partir, ou seja, o descontentamento por estarem presos neste vale começar a irromper no seio desta comunidade, vai acontecer algo terrível que se transformará em desculpa para eles partirem. Nessa hora, vão ter que ir para um lugar decididamente mais distante que Tóquio. Que lugar será esse? Acho que no Brasil será uma boa opção.
- Brasil, essa terra cujo idioma você está estudando sozinho agora?
- Isso mesmo, Brasil (OE, 2011 [1964], p. 385).

Do excerto, é possível depreender que o fator migratório é a causa do interesse em se apropriar dessa língua-cultura do Brasil. Trata-se de uma personagem que, migrante na língua, deseja se inscrever em uma “outra” discursividade que não a “sua”.

Esse intento é sempre tomado como um desafio, tal como descrito no conto de Kenzaburo, pois, ao investir contra uma nova língua-cultura, esse movimento provoca descentramentos naquilo que

habita em nós, quando o estrangeiro vem retextualizar, reorganizar, ressignificar muitas escrituras existentes em nossas subjetividades. Revuz (1998) assevera que o encontro com a língua estrangeira possibilita a consciência de um laço muito específico que possuímos com a nossa própria língua. Com efeito, inscrever-se discursivamente em uma outra língua-cultura é desafiante, pois essa língua-cultura estrangeira interdita aquela que sabe algo sobre nós, aquela por quem se é falado e que autoriza o falante errante a falar como mestre (UYENO, 2003), interditando, dessa forma, a nossa língua-cultura autóctone – razão pela qual se pode compreender como um *desafio ontológico*.

Nesse sentido, ser migrante na língua-cultura que se deseja apropriar, de alguma forma produz o que Melman (1992) chama de histeria experimental. As migrações oportunizam um cenário no qual parece haver uma certa paixão pelo outro, pela língua-cultura estrangeira, motivando uma vontade de se descentrar-se e recobrar-se no outro, no estrangeiro. O autor coloca a estrutura básica da histeria como uma paixão em ser um outro, levando o sujeito a se afastar de si, de seu eixo, em direção ao diferente. No caso das personagens do conto de Kenzaburo, o movimento migratório, ou a projeção dele, de sair do Japão para o Brasil e, com isso, desejar apropriar-se da língua-cultura brasileira, produz uma histeria de filiação, na qual a paisagem tradicional e comum sai de cena para dar lugar a uma nova, incerta, promessa de devir, de constituir, de dizer sobre o sujeito e sobre sua verdade, mas que permanece inalcançável e inconciliável por conta de língua-cultura ser sempre aquela que pertence ao outro e que a ele conduz invariavelmente.

Com efeito, essa histeria experimental causa ao imigrante da língua-cultura uma frustração sobre tudo aquilo que ele mesmo recalcou durante o processo de histerização (UYENO, 2003), seja sua língua-cultura autóctone, seu conjunto de crenças e costumes, e, sobretudo, suas paisagens, porque lhe conferiam um falso senso de segurança ontológica (GIDDENS, 1991). Dessa forma, escrever em uma língua-cultura outra tal como Kenzaburo o fez no conto em análise é, sobretudo, um ato de coragem, pois, ao se inscrever nessa nova discursividade, o abalo em sua estrutura ontológica é inevitável, confrontando suas verdades, sua constituição de sujeito e seus momentos de identificação subjetiva.

Além disso, a escrita em outra língua-cultura cria uma estrutura de histerização que confronta não só com o que achamos que existia em nós, como nos reposiciona frente àquilo que nem sabíamos que existia, mas que já estava escrito em nós bem antes de nos darmos conta. Escrever em outra língua-cultura e tê-la como um espaço para migrar-se é correr atrás do inalcançável, dessa promessa de estrangeiridade que nunca se concretiza, que se dispersa com a facilidade com que se apresenta. A língua migrante se move à medida que nos movemos em sua direção, nos aproxima e nos sujeita ao outro-que-[nos]-olha e nos constitui por seu olhar. A língua migra e força a migração, ou, em outros termos, a histerização de um sujeito que se apaixona por aquilo que ele não é, pelo diferente, obriga-o a ser também diferente.

A língua como espaço de imigração é, portanto, a manifestação desse devir do estrangeiro que nunca se concretiza e desse descentrar-se que dispersa e histeriza, semelhante ao ocorrido com Kenzaburo no conto em análise, escrito num espaço de embate das línguas-culturas japonesa-portuguesa e materializado no seu fechamento; uma manifestação de personagem por meio de um diálogo sintomático, que diz muito sobre a natureza subjetiva do escritor japonês.

– Francamente falando, muito mais que esses lavradores, talvez eu esteja com vontade de partir. Você também não está com vontade de ir para bem longe? Nós dois talvez estejamos ligados mais por frustrações do que por amizade – disse ele. E depois, quase aos berros, acrescentou [em português]: – *O senhor compreende?*

– *Kikun wa rikaishimasuka?* Eu também gostaria de responder em português brasileiro, mas tudo que eu poderia usar era apenas uma frase que aprendera dele mesmo. Hesitei um momento e, em seguida, também disse [em português] aos berros, para espantar minha desairosa indecisão:

– *Não senhor, não compreendo!* (OE, 2011 [1964], p. 386).

O relato da angústia das personagens face aos espectros das línguas-culturas ajudam a descrever essa histerização e essa perda de centramento desse autor-personagem que se coloca na escrita em uma tentativa memorialista de se autonarrar e se testemunhar e, com isso, compreender-se. Contudo, cumpre-nos questionar: pela leitura da obra de Kenzaburo, nos damos mais conta de sua histerização de escritor japonês em língua migrante ou de nossa própria histeria de um leitor migrante na língua?

Considerações finais

O presente artigo buscou trazer algumas reflexões sobre a língua como espaço de migração para o escritor japonês Kenzaburo Oe. Fizemos reflexões sobre a questão do sujeito moderno que se inscreve nesse cenário de paisagens de cultura, nação, identidade e discurso notadamente esfacelado e pouco evidente, provocando uma perda do senso de segurança de si. Além disso, a questão da estrangeiridade se apresenta como mais um vetor no cálculo irresoluto da constituição subjetiva do indivíduo que se vê às voltas não somente com a sua língua-cultura, mas com o constante desejo de se apropriar de uma outra, de desestrangeirizar esse outro-que-[o]-olha e que o constitui com seu olhar.

89

Para alcançar tal discussão, analisamos uma obra do escritor japonês Kenzaburo Oe intitulada *Em Português Brasileiro* (2011 [1964]), na qual o autor faz incursões não somente em língua japonesa, sua língua-cultura autóctone, mas também em língua portuguesa, revelando um jogo complexo de movimentos de descentramento e de busca de um perfil ontológico que o colocasse em rota de aproximação desse outro sistema de crenças, costumes, valores e subjetividades. Pelas análises, pudemos constatar que a língua-cultura estrangeira é essa eterna promessa de um devir, de um apropriar-se para ser, mas que nunca se concretiza, nunca se cumpre, pois a língua é sempre do outro e conduzida ao outro. Além disso, tendo em vista a constante exploração da metáfora de imigração no conto em análise, pode-se evidenciar que o migrante é esse sujeito que sofre de uma histeria, que se apaixona pelo outro e dele quer fazer sua morada, mas assim o faz recalcando suas bases, provocando um cenário de complexidades e descentramentos numa busca que não cessa e não é conclusa, pois só se finda com a morte.

Na tentativa de pautar e cercear a presente discussão, havíamos lançado, no início dessa investigação, a seguinte pergunta de pesquisa: de que maneira a língua portuguesa aparece no conto do escritor japonês como um lugar de migração? Pelo exposto anteriormente, entendemos o português exatamente como essa promessa de uma discursividade que poderia falar pelo escritor, mas que não pode, pois é a causa de sua histeria e dispersão. O português também se apresenta como esse

elemento que, no embate com a língua japonesa, cria um espaço no qual o escritor adentra para tentar falar de si, narrar-se, descrever-se, em uma tentativa de compreender-se.

Escrever em outra língua é exatamente essa tentativa de compreender-se a partir do olhar do outro, desse outro-que-[me]-olha e me constitui, mas que também me fragmenta, me dispersa, me rejeita, me faz negar o que trago – ou pelo menos o que eu acho que trago – comigo. Inscrever-se e escrever-se em uma língua-cultura outra força a consciência de algo muito particular que temos sobre nossa própria discursividade e sobre nossas formas de verificação. Apesar das marcas, das complexidades e dos processos históricos, o embate entre o autóctone e o estrangeiro, o eu e o outro, o mesmo e o diferente é o que possibilita a percepção da realidade de maneira diversa e plural, ampliando os horizontes, nas formas de sentir e de agir, nas causas e nos efeitos, nas formas de escrever e ler, sejam elas em japonês ou em português brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, J. Subjection, resistance, resignification: between Freud and Foucault. In: *The Psychic Life of Power: Theories in Subjection*. Stanford, 1997.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade. Línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007.

DAVID-MÉNARD, M. Um tratamento psicanalítico é um agenciamento deleuziano ou um dispositivo foucaultiano?. In: SIMANKE, R. T. et al. *Filosofia da Psicanálise*. São Carlos: EdUFSCAR, 2010.

DERRIDA, Jacques. *Le monolingüisme de l'autre ou la prothèse d'origine*. Paris: Galilée, 1996.

FOUCAULT, M. Sexualidade e poder. Conferência na Universidade de Tóquio, 1978. In: _____. *Ditos e escritos*. V. V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 56-76.

_____, Verdade e Subjetividade (Howison Lectures). *Revista de Comunicação e Linguagem*, n 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993.

_____, (1975). *Vigiar e Punir: o nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

FOUCAULT, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

HAAL, Stuart. Identidade cultural na pos modernidade. Trad. Tomaz Tadeu Silva. 7. ed. São Paulo: DP&A Editora, 2005.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

GODINO CABAS, A. Situação da psicanálise em 1950. In: _____. *O sujeito na psicanálise de Freud a Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LACAN, Jacques (1949). O estádio do espelho como formador da função do eu, tal como nos é revelado na experiência psicanalítica. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998. v. 1, p. 96-103.

_____, (1991). *O seminário*. Livro 17 – o avesso da psicanálise. Ministrado em 1969-1970. Versão brasileira de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

MENDELSON, S. Foucault avec Lacan: Le sujet em acte. *Filozofski vestnik*, ano XXXI, n. 2, p.139-169, 2010.

MELMAN, C. *Imigrantes – Incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Editora Escuta Ltda, 1992.

OE, K. Em português brasileiro, 1964. In: GOTODA, Leiko (Org.). *14 contos de Kenzaburo Oe*. Tradução Leiko Gotoda. Introdução Arthur Dapieve. São Paulo: Companhia das Letras: 2011. p. 364-386.

PRATA, Maria Regina. Foucault com Freud: notas para uma leitura positiva do desejo na psicanálise. In: SOUZA, Pedro de; GOMES, Daniel de Oliveira. *Foucault com outros nomes: lugares de enunciação*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009. p. 155-166.

REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (org) *Lingua(gem) e identidade*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 213- 230.

ROSA, Marluza Terezinha da. A incidência da verdade no discurso: notas para reler A vontade de saber. *Linguagem em (dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 183-195, jan./abr. 2015.

STEVENS, Cristina. Imagi-Nações. Literatura e Identidades Migrantes. In: CUNHA, M. J. C.; GURAN, Milton et al. *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007. p. 43-73.

UYENO, E. Y. Determinações identitárias do bilinguismo: a eterna promessa da língua materna. In: CORACINI, M. J. R. F. (Org.) *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Editora da UNICAMP; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003. p. 83-118.

_____, Imigrante em letramento acadêmico: dois estranhos que se e(in)screvem. In: UYENO, E.; CAVALLARI, J. (org.) *Bilinguismos: subjetivação e idenficações nas/pelas línguas maternas e estrangeiras*. São Paulo: Pontes, 2011.